

## “RECORTE”

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

Av. Almirante Reis, 19-2.º E.  
SBOA Codex

COMERCIO DO PORTO(O) Porto	-4. DEZ. 1981
JORNAL DE ALMADA Almada	
VOZ DE PALMELA Palmela	

### Problemas graves na Universidade do Minho

# O desencanto é geral no pólo de Guimarães

Ao chegar às cumeadas do Marão, Camilo, que vinha da Samarã a caminho do Porto, acompanhado dum criado, parou extasiado e vendo o olhar o colosso azul-terra e os desdobráveis infinitos que se lhe desparavam. E de cima da mula onde encavalitava disse ao criado que puxava pela arreata para o levar até àquele morro que distava pouco e onde adivinhava uma visão apocalíptica. E chegado lá irrompeu em exclamações de pasmo e admiração. Dali viu um outro local. E quis seguir até lá, onde a paisagem era serena, e o fumo distante dos casais subia na manhã clara. Outro salto para outro ponto onde os pélagos se escorchavam em goelas de meter medo. Depois um outro pontilhado de penedias ásperas, agressivas. Um outro. E outro... O criado já olhava para Camilo de soslaio. Mas Camilo não cansava e queria levar com ele todo o esmagador encanto do Marão, todo o sortilégio que se desprende daqueles montes e vales. E quis subir a um outro touço do monte. Lá chegado e tal como das anteriores vezes aconteceu nos outros locais da sua digressão montanhosa, irrompeu em exclamações, chamando a atenção do criado. E não se contendo dizia: «Ó Joaquim olha para aquilo! Vê que beleza, que luz... Vês, Joaquim?». O criado olhava lá para os lances e sentindo mais os apelos do estômago que os gritos da beleza, exclamou: «Vejo sim... mas ó «se» Camilo e se nós fôssemos comer?». Quixote e Sancho Pança, Camilo e Joaquim... O delírio, a paranóia, a visão romântica, a mula prática e objectiva, o conhecimento do quotidiano e a análise fria do real. Não venham com ditirambos

sobre a cidade-berço, deixem de falar da espada e do castelo, dos paços e da colegiada, do «pulmao económico» e do «ar que se deve e esta terra, do seu desenvolvimento e dos estudos universitários que aqui tiveram assento antes de nacionalidade haver e que hoje moram no Palácio Vila Flor. Não venham falar sobre o que nesta cidade se fez pelo ensino porque, ao ver escolas transformadas em salas de comícios, ao ver a de Santa Luzia, ao ver os mais de 660 alunos parados, ao ver a greve (guerra justa) dos estudantes de Engenharia e o que se passa no pólo da UM em Guimarães, diríamos como o Joaquim: «Porque se não deixa de cantigas e vamos mas é comer que se faz tarde?». É inadmissível o que se passa na UM em Guimarães. As denúncias feitas na imprensa local e nacional têm tido o valor e o eco dum berro de socorro no ermitério do Marão... Agora foi o deputado José Maria Lemos Damião que no passado dia 27 proferiu notável intervenção chamando a atenção para o que se passa na UM — pólo de Guimarães. E focou (tal como os estudantes o haviam feito na sua conferência de Imprensa) a inexistência do sector administrativo, «a anarquia reinante em todos os níveis na Universidade, o monte de inquéritos e processos disciplinares, o modo «sui generis» — escolhido para a admissão de pessoal tendente à existência duma associação tipo familiar, o «documento interno» que concentra tudo e todos no Núcleo do Braga que só encrava e complica a vida do pólo de Guimarães, a «carrinha das digressões universitárias» que vai ficar tão viva o tão célebre no historial da vida académica quanto

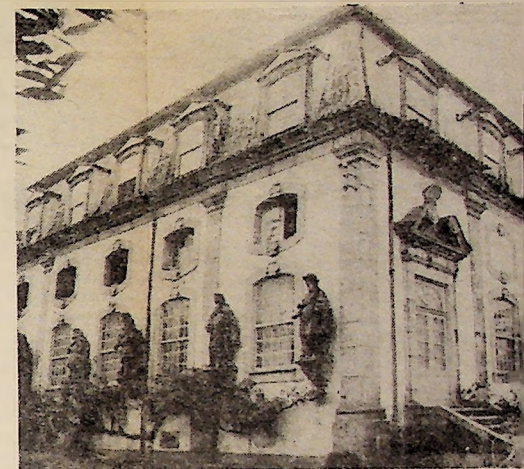
às diligências do Texas, a «colónia de férias» em que o Pólo virou, o desprestígio angustiante em que caiu a Comissão instaladora presidida pelo prof. Lloyd Braga, a existência, em segredo da Justiça, do processo 369 em que Lloyd Braga é acusado de «indícios de peculato e outras graves irregularidades» e tudo o mais em que se transformou a Universidade — uma «escola de virtudes...»

Para se aquilatar do que é e do que vale o pólo de Guimarães da UM perante a população, para se ter ideia da ideia do que sobre ela formula toda esta gente de Guimarães, basta citar o resultado do «Dia aberto» dia em que se procurou fazer a

divulgação da UM e possibilitar à população um juízo sobre aquele estabelecimento de ensino. De facto, em 1979, nesse dia, a UM recebeu a visita dum casal de velhos e no ano seguinte, e talvez porque os simpáticos velhinhos já não fossem deste mundo, nem viva alma...

A resolução dos problemas ingleses do pólo de Guimarães não pode combinar-se a negociações e a solução de compromisso. Tem de haver acção e decisões. Nada de fitas, de conversa mole, de brincar à democracia... resolver. Resolver sem sofismas e sem perda de tempo, é o que se pretende e Guimarães exige. Se não for esse caminho, se se pretender saltar de ponto para ponto, perifericamente, encher a cabeça de ilusões e de mentiras, de fantasias e falsidades, de paranoias e irrealismos, podem o dr. Barroso da Fonte, que não poucas vezes saiu ferido desta luta, e o deputado Lemos Damião, deixá-los em cima da mula e tratar de ir comer, porque contra moídos de vento já os estatelamos todos.

MELLO E COSTA



No conhecido Palácio Vale Flor funciona, com todos os males também conhecidos, o pólo de Guimarães da UM — um estabelecimento de Ensino Superior onde não têm faltado problemas para (e por) resolver.